

## A NAVE DE PRATA

LINHARES FILHO

A Poesia Cearense está em festa, nesta noite "tocando" a sua "batucadazinha", "festa de sol e chuva que não falta" (dentro de todos nós há "solos de flauta"), para celebrar o instante em que se faz ao largo da publicidade *A Nave de Prata*,<sup>1</sup> do poeta e navegador Horácio Dídimo, juntamente com esse lúdico *Quadro Verde*, que tem algo de marítimo e magisterial, ambos os livros trazendo poemas comemorativos de uma prateada união de 25 anos, iluminados por uma criatura que é Lua porque Musa inspiradora e Sol porque cheia de luz própria, Ave de leveza, Eva de Mulher e Dina de encantadora, Avedina ou Evadina: - Evendina.

Regozijamo-nos os antigos e sempre novos integrantes do grupo SIN, Barros Pinho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e este que lhes fala, por testemunhar os vôos criativos de um dos mais engenhosos companheiros, que, unindo num só volume manifestações concretistas e versos de forma tradicional, mas revigorados em sua essência de forma e conteúdo, cumpre claramente um objetivo que buscávamos como atitude de renovação literária, a de um sincretismo posterior àquele que antecedeu o advento do Modernismo Brasileiro, e que, consciente ou inconscientemente, cada um de nós procura ainda alcançar.

Pedi-me Horácio Dídimo a leitura de um dos seus poemas para esta hora, e entendi leitura no sentido hermenêutico. E, como a hermenêutica não pode ser restritiva, mas abrangedora, eis-me a discorrer meditativamente, se bem que em breves palavras, sobre o livro do poeta.

Cumprе assinalar a imagem da navegação, configurando a trajetória "destes anos de prata", trajetória de dores e prazeres, mas em que as horas de dor são transformadas, por força da consciência religiosa e pelo condão da poesia, em momentos de prazer, porque na visão do autor "cada história de amor é sempre única, mágica, lúcida, mística". (p.13) A história de amor que se conta e canta traz sugestões de várias ocorrências e sentimentos, que se apresentam derivados do Amor e determinando a titulação sintética e nominal, em ordem alfabética, dos 25 poemas do livro, como se cada um não batizasse uma etapa espacial-temporal da convivência amorosa que se celebra, mas refletisse uma face do comportamento íntimo da vida a dois. É de fato o Amor em sua plenitude humana e retidão o que essencialmente se focaliza com o seu teor de verdade no livro de Horácio Dídimo, que escreve neste quiasmo:

*Na verdade é o amor que sobressai,  
no amor é a verdade que domina. (p. 43)*

Há no livro uma constante ou *leitmotiv* que configuraria o que podemos chamar de poética da luz, na qual degustamos uma poesia iluminada e iluminadora,

em que se explora, metafísica e simbolicamente, o signo do sol. Aliás, trata-se de uma atitude de toda a obra do autor, desde *Tempo de Chuva*, em que se encontram poemas como "havia dias de sol" (p. 27) "manhã de sol" (p. 29) e o belíssimo "sol", em que criativamente se intertextualiza verso de Guilherme de Almeida: "... E o dia em sol maior, nas pautas da persiana."<sup>2</sup> Horácio cultivaria como esse poeta um efeito audiovisual e polissêmico em torno do nome "sol", utilizado ao mesmo tempo como luz do astro e nota musical: "um sol maior/sorriu de leve/no meu enfim".

Realmente, o sol do poeta, máxime no livro que ora estudamos, é clareza e melodia. Os sememas de uma semântica da luz que tem como eixo a palavra "sol" convergem para os semas da alegria de viver, da clara visão da Verdade, da renovação do mundo, da fecundidade espiritual, da esperança, da festa do Amor. A repetição dos adjetivos "verde" e "azul" corroboram a decodificação indicada.

Procedamos a uma colheita de exemplos que confirmam essa semântica da luz, privilegiando versos que trazem o nome sol:

"O amor é como um sol interminável" - lê-se no poema "Amor". (p.9) Fala-se em "A Chuva" "da chuva que incendeia o sol nascente". (p.11) Em "O Encontro" está escrito: "Há quanto tempo o sol não rebrilhava". (p. 15) Conceitua-se o poema na composição intitulada "Flauta": "Festa de sol e chuva que não falta". (p.23) No poema "A Luz", um rei "cuidava que seu sol não refulgisse". (p.33) Registra outra peça: "de repente ficou tudo tão claro/como um imenso sol sobre o jardim". (p.39) Em "A Porta", a do lar, que se abre para a verdade de Deus e a união pacificadora, doutrina-se: "É claro que não há outra clareza/além do sol de Deus e da beleza/e do arco-iris que a aliança traz". (p.43) Fala-se, em "O Tempo", de "Lembranças como sóis, como diamantes". (p. 47) E para concluir esta colheita, um dos poemas que escolhi para ler nesta noite ensolarada, o qual traria o tema: O amor é sol que ilumina e fecunda o belo da vida e o tempo tridimensional:

#### O SOL

*Quando penso no sol, no sol do amor,  
as coisas acontecem de repente,  
acredito na vida plenamente,  
o mundo não parece enganador.*

*Quando penso no sol, no sol do amor,  
vejo tudo bem claro na memória,  
tudo o que fez e faz a nossa história,  
aqui, ali, além, em derredor.*

*Vejo verde no templo dos irmãos,  
navios verdes vejo que vêm vindo,  
vejo o mar, vejo o rio, vejo a fonte.*

*Vejo tanto futuro no horizonte,  
vejo tanto passado re florindo,  
vejo tanto presente em nossas mãos!* (p. 45)

Embarcando como leitores na *Nave de Prata* de Horácio Dídimo e assimilando as lições do seu *Quadro Verde*, poderemos perceber, entre outros pontos de sua mensagem, o do otimismo, que faz o poeta transformar magicamente, por suas convicções espirituais e poéticas, o mundo conturbado em que vivemos e leva-o a escrever versos como estes:

*não há mal que não seja reparável.  
não há bem que não seja irresistível.  
[...]  
a dor que não desiste é invisível.* (p.9)

Entre as virtudes da poesia de Horácio Dídimo, particularmente da do presente livro, encontramos uma pronunciada *abertura*, pela qual se acentua a potencialidade polissignificante dos textos; a musicalidade, a espontaneidade, a fluência, o engenho, a leveza e simplicidade da expressão, sem prejuízo, em muitos poemas em que o conceitual se equilibra com o imaginativo, da profundidade das idéias, o que ocorre, por exemplo, no metapoema "A Flauta", (p.23) em que se reflete mais nitidamente a teoria do silêncio; no poema "A Hora", em que se sugerem acomodações e contradições do amador cristão diante das circunstâncias (p.27) e no poema "A Porta", já referido. Vemos que o espírito lúdico de Horácio Dídimo equilibra-se com o reflexivo. Diante disso e se "Todo grande poeta. . . foi um grande pensador" segundo Bentham citado por Abrams no seu *El Espejo y la Lámpara*,<sup>3</sup> o nosso autor estaria incluído por essa razão e por outras entre os grandes poetas.

Meu caro poeta Horácio Dídimo, prossiga, para glória de sua Musa, para exemplo dos seus filhos, para regozijo e fruição dos seus companheiros e leitores, para a festa da Lua e do Sol, do Mar e das Estrelas, da Esperança e da Paz, do Sonho, do Amor e da Vida, pelos mares "nunca dantes navegados" da Poesia.

#### NOTAS

DÍDIMO, Horácio. *A nave de prata: livro de sonetos & Quadro Verde: poemas visuais*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1991.

ALMEIDA, Guilherme de. *Poesia vária*. São Paulo: Martins, 1963. p. 22.

BENTHAM. In: *El espejo y la lámpara: teoría romántica y tradición crítica acerca del hecho literario*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1962. p. 482.